

Dos sons dos povos originários ao repertório musical dos jovens: uma experiência musical na Educação Básica

ISAC COSTA SOARES
IANNE ELY GODOI VIEIRA

Isac Costa Soares é mestre em música com ênfase em educação musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2021). Possui Graduação/licenciatura em música pelo Centro Universitário Metodista IPA (2013), formado em trompete/performance pelo Conservatório Pablo Komlós (Escola de Música da OSPA) em (2018) e integra o Grupo de Pesquisa Educação Musical e Cotidiano (EMCO) sob orientação da professora doutora Jusamara Souza. Atua como trompetista na Orquestra de Sopros de Novo Hamburgo (OSNH) e é professor de música no Projeto OUVIRAVIDA e Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul, além de atuar como educador musical no ensino básico.

Afiliação: Colégio João XXIII

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6964567221542111>

Orcid ID – <https://orcid.org/0000-0003-3796-5335>

Ianne Ely Godoi Vieira é mestre em Educação pela UFRGS, orientada pela Dra. Maria Luiza Becker, na linha Aprendizagem e Ensino, com pesquisa e estudos vinculados à Aprendizagem Docente, a Tomada de Consciência e a Reflexão em Contextos de Desenvolvimento Profissional - Lesson Study. Pós-graduada em Supervisão e Orientação Educacional/UNIRITTER, em 2014 e em Psicopedagogia Clínica e Institucional/UNIRITTER, em 2005; graduada em Pedagogia Educação Infantil/PUCRS, em 2001 e com habilitação plena para o Magistério. Docente no Ensino Superior desde 2015, ministrando disciplinas, acompanhando estágios e orientação de artigos de finalização do curso de Pós-Graduação em Supervisão Escolar e Orientação Educacional: tecendo a ação coletiva, na UniRitter.

Afiliação: Colégio João XXIII

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1504135709283343>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7516-0015>

•RESUMO

Este relato aborda a experiência vivenciada no primeiro semestre de 2022 pelos autores deste trabalho com alunos de 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola privada da rede de Porto Alegre – RS, onde a partir de uma atividade interdisciplinar, foi construído um projeto através da leitura inicial do livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, de Ailton Krenak, sendo que na disciplina de Música os focos escolhidos envolveram os processos de criação que estão especificados no código (EF69AR23) dentro dos parâmetros estabelecidos pela BNCC.

•PALAVRAS-CHAVE

Educação Musical, música na escola, música e cotidiano.

•ABSTRACT

This report addresses the experience lived in the first semester of 2022 by the authors of this work with 8th grade elementary school students in a private school in Porto Alegre - RS, where from an interdisciplinary activity, a project was built through the initial reading of the book “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, by Ailton Krenak, being that in the Music discipline the chosen focuses envolved the creation processes that are contained in the code (EF69AR23) within the parameters established by the BNCC.

•KEYWORDS

Musical education, music at school, music and everyday.

1. Introdução

Este relato trata de abordar algumas das experiências em sala de aula que tive ao ingressar no ano de 2022, como professor de Música, em uma escola privada de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e do tempo e espaço que encontrei para a construção de um trabalho diferenciado e em parceria, revelada com a possibilidade de coautoria deste relato, conjuntamente com a Coordenação Pedagógica da Instituição. Antes de dar aulas nessa escola, minha experiência em escolas privadas não havia sido tão positiva quanto à abertura para se trabalhar a diversidade musical de forma ampla e sem preconceitos, como, por exemplo, falar sobre o funk, que era sempre um tabu, entre tantas outras questões. Todavia, no Colégio João XXIII pude sentir um ambiente acolhedor e reflexivo sobre questões da atualidade e a possibilidade de construção de um currículo que contemplasse a visibilidade às temáticas historicamente silenciadas, oportunizando que o corpo docente e estudantes tenham voz para debater e problematizar sobre os mais diversos assuntos.

No Colégio João XXIII fui contratado através de um processo seletivo para atuar como professor de Música com as turmas de 5º e 8º anos e coordenar duas bandas de música da Escola, com grupos multietários de 5º e 6º anos e de 7º e 8º anos. Até o presente momento, minha experiência era atuando como músico/trompetista, tocando com grupos musicais e orquestras, e como professor em projetos sociais e na Educação Básica, na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Sendo assim, essa seria a primeira vez que atuaria com jovens do 8º ano, e resalto que, apesar de trabalhar com adolescentes em projetos de ação social, há uma grande diferença de abordagem do ensino de Música quando estamos inseridos na escola regular. A primeira delas é que, muitas vezes, nos projetos sociais, os jovens têm uma opção de escolha se querem estudar música ou não, e na Educação Básica, a Música está inserida no currículo, tornando-se assim obrigatória para os estudantes. Essa primeira questão já coloca um grande desafio para qualquer professor, que é tornar um componente curricular interessante e fazer com que os estudantes percebam a relevância dos estudos abordados para suas vidas, dialogando com as culturas juvenis e suas diferentes formas de ser e dizer do(s) seu(s) mundo(s). Nesse sentido, nós, professores de Música, temos de certa forma uma grande oportunidade, pois a partir de referenciais nacionais para a educação podemos fazer escolhas, tendo a liberdade de propor reflexões e criar estratégias que dialoguem com os jovens. Dessa forma, inicialmente, debruicei-me

em entender o que era proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para ser trabalhado com o 8º ano do Ensino Fundamental.

A Música faz parte da Área das Linguagens, assim como as outras formas de expressão. No texto introdutório do documento dessa área, destaca-se para os Anos Finais as habilidades necessárias para o desenvolvimento dos estudantes, colocando que:

No Ensino Fundamental – Anos Finais, é preciso assegurar aos alunos a ampliação de suas interações com manifestações artísticas e culturais nacionais e internacionais, de diferentes épocas e contextos. Essas práticas podem ocupar os mais diversos espaços da escola, espalhando-se para o seu entorno e favorecendo as relações com a comunidade.

Além disso, o diferencial dessa fase está na maior sistematização dos conhecimentos e na proposição de experiências mais diversificadas em relação a cada linguagem, considerando as culturas juvenis.

Desse modo, espera-se que o componente Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens – e no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento –, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas (BNCC, 2017, p. 205).

Partindo da premissa colocada pelo texto inicial, pode-se notar a valorização de habilidades e competências que trabalhem aspectos relacionados às diferentes e variadas formas de manifestações artísticas, não priorizando apenas uma em detrimento da outra, da necessidade de considerar as culturas juvenis, contribuindo assim para a pluralidade de experiências e a diversidade de vivências. Sobre as habilidades a serem desenvolvidas, especificamente na área da Música, são indicados objetos de conhecimento e habilidades específicas, dos quais tive que me apropriar, aprofundar meus estudos e elaborar ideias de aulas, um plano de bordo (de um caminho a seguir) que considerasse as habilidades propostas.

ARTE – 6º AO 9º ANO (Continuação)

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Música	Contextos e práticas	(EF69AR16) Analisar criticamente, por meio da apreciação musical, usos e funções da música em seus contextos de produção e circulação, relacionando as práticas musicais às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (EF69AR17) Explorar e analisar, criticamente, diferentes meios e equipamentos culturais de circulação da música e do conhecimento musical. (EF69AR18) Reconhecer e apreciar o papel de músicos e grupos de música brasileiros e estrangeiros que contribuíram para o desenvolvimento de formas e gêneros musicais. (EF69AR19) Identificar e analisar diferentes estilos musicais, contextualizando-os no tempo e no espaço, de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética musical.
	Elementos da linguagem	(EF69AR20) Explorar e analisar elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de recursos tecnológicos (games e plataformas digitais), jogos, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musicais.
	Materialidades	(EF69AR21) Explorar e analisar fontes e materiais sonoros em práticas de composição/criação, execução e apreciação musical, reconhecendo timbres e características de instrumentos musicais diversos.
	Notação e registro musical	(EF69AR22) Explorar e identificar diferentes formas de registro musical (notação musical tradicional, partituras criativas e procedimentos da música contemporânea), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual.
	Processos de criação	(EF69AR23) Explorar e criar improvisações, composições, arranjos, jingles, trilhas sonoras, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, convencionais ou não convencionais, expressando ideais musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa.

Figura 1. Quadro BNCC contendo unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas referentes aos 6º e 9º ano, em Música.

Após uma compreensão ampliada das habilidades a serem desenvolvidas, dos conceitos propostos pela BNCC em articulação com o Projeto Político Pedagógico da Escola e suas marcas relacionadas com a criação, a reflexão e a experiência, selecionei meus focos de trabalho. O contexto do estudo foi um projeto interdisciplinar com base na obra literária “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, de Ailton Krenak, sendo que na Música os focos escolhidos envolveram os processos de criação que estão especificados no código (EF69AR23), que tem como habilidade a ser desenvolvida *explorar e criar improvisações, composições, arranjos, jingles, trilhas sonoras, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, convencionais ou não convencionais, expressando ideais musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa*. Também escolheu-se trabalhar a habilidade que traria repertório para essa experiência, a partir da leitura crítica e reflexiva da obra e o estudo sobre os povos originários: (EF69AR16) *Analisar criticamente, por meio da apreciação musical, usos e funções da música em seus contextos de produção e circulação, relacionando as práticas musicais às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética*. Além disso, utilizando a música presente no cotidiano

dos estudantes em articulação aos estudos sobre os povos originários, foi possível trabalhar a composição de canções de forma criativa, crítica e sensível.

1.1 Sobre o Colégio João XXIII

O Colégio João XXIII está localizado na cidade de Porto Alegre – RS e foi fundado no ano de 1964. O “João”, como é chamado carinhosamente pelos professores, estudantes e funcionários da Escola, tem desde seu início um viés educacional progressista, humanitário e democrático, embasado na liberdade do pensamento. Essa forma de pensar a educação vem sendo mantida desde os primórdios do seu nascimento, pois a Escola nasceu em um momento social conturbado que estávamos vivendo em nosso país e, com isso, germinou um espaço de ensino com ideais libertadores. No texto a seguir extraído do site da Escola¹, pode-se ter uma ideia do que foi o momento de sua fundação:

Exatamente no dia em que seria decretado o Golpe Militar –31 de março– o João foi concebido, nascendo cinco meses depois, em 23 de agosto. Fundado pelo grupo de educadores encabeçado por Zilah Totta – defensora da educação libertadora e demitida do cargo de secretária de Educação porque afirmava não tolerar interferências retrógradas de superiores – a Escola, desde o seu primeiro dia de vida, transgrediu a matriz educacional imposta pelos generais. Ao lado de Zilah estavam Frederico Lamachia Filho – colega de Zilah na Secretaria, que demitiu-se em solidariedade à amiga; Lília Rodrigues – na época diretora do Pio XII; e Leda de Freitas Falcão – professora de música, assessora de Lília e compositora da canção do João XXIII.

O Colégio se tornou realidade mesmo em tempos sombrios, de ditadura e da Reforma do Ensino, no antigo casarão da família Lamachia situado na avenida João Pessoa. Para fundar a Escola, os quatro educadores aproveitaram uma brecha aberta pelo Ministério da Educação, que estimulava a criação de classes experimentais. Era uma proposta audaciosa, guiada por Jean Piaget, Paulo Freire, Carl Rogers e Hilda Taba, esta última defensora das relações democráticas dentro das instituições e

¹ Disponível em: <https://joaoxxiii.com/historia/> Acesso em: 16 jun. 2022.

de um currículo educacional capaz de ensinar os alunos a pensar em vez de inocular conceitos, dados e fatos (COLÉGIO JOÃO XXIII, 2022, *on-line*).

No contexto deste relato, cabe ressaltar que esse ideário encontrava na Arte e suas múltiplas formas de expressão uma base fundamental para a criação da Escola. Tanto pela trajetória de formação dos professores fundadores como por suas crenças, a Música sempre esteve presente. Ainda hoje a Música tem um papel fundamental no cotidiano escolar. Abaixo segue uma foto com os fundadores da Escola:



Figura 2. Foto dos fundadores da Escola.

1.2 Sobre o currículo de Música do Colégio João XXIII

A Música sempre fez parte do currículo e tem um grande espaço no João XXIII, atualmente se inicia na Educação Infantil e se estende até o Novo Ensino

Médio, com implementação gradativa a partir deste ano, já sendo parte da 1ª série. A Escola conta com cinco professores de Música, tendo em seu corpo docente, por exemplo, um mestrando, um mestre e uma doutora, mostrando também que a Escola prioriza a formação acadêmica de seus profissionais e a contribuição de suas trajetórias como pesquisadores. Além disso, o João conta com uma ampla sala de Música com um arsenal grande de instrumentos musicais, tendo diversos instrumentos de percussão, violões, teclados e piano. Sabemos que essa não é a realidade da grande maioria das escolas brasileiras e, mesmo sendo uma escola privada, há de se considerar todo esse investimento, pois mostra que a Escola realmente acredita na potência da aprendizagem de Música para o desenvolvimento integral de crianças e jovens.

Outra iniciativa que reitera a expressão musical e sua relevância no João envolve a construção de novos tempos e espaços, para além da sala de aula, para aqueles que se identificam e desejam aprimorar seus conhecimentos individuais por meio de coletivos que também representam a Instituição. Ao longo da história se constituíram corais, grupos musicais e, hoje, são quatro bandas formadas por grupos multietários. As bandas têm em suas formações guitarra, baixo, bateria, voz e percussão, tendo dois professores coordenando esse projeto que acontece no turno inverso, por adesão voluntária e gratuita dos jovens. Além de serem responsáveis por deixar as tardes da Escola ainda mais especiais com a sua sonoridade, já que ocupam uma sala especial da banda, em seus dias e horários respectivos, são convidados em diferentes momentos e atividades para compartilharem suas produções com a comunidade.



Figura 3. Estudantes na sala de ensaios da banda ensaiando para uma apresentação.

2. Uma experiência de arranjo a partir do estudo sobre música indígena

O contexto da trajetória docente, da história da Escola e da forma como a Música é compreendida e experienciada desde a sua fundação tiveram como objetivo trazer uma visão sobre a realidade musical da Instituição. A seguir, apresento um relato do ponto de partida e de duas propostas vivenciadas no primeiro semestre com as turmas de 8º ano, dos Anos Finais do Ensino Fundamental, utilizando a música dos povos originários e a música presente no cotidiano dos estudantes.

Como destacado anteriormente, a ideia inicial surgiu através de uma proposta interdisciplinar com as professoras de Língua Portuguesa a partir da leitura do livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, de Ailton Krenak. O projeto, em parceria também com os componentes de História, Geografia e Ciências, tinha como objetivo central problematizar as relações que poderíamos traçar entre natureza e tecnologia; os mundos que experimentamos e outros mundos possíveis; o imaginário em torno da noção de “fim do mundo” e a importância de conhecer e discutir as visões de mundo de diferentes povos, como os historicamente invisibilizados, os povos originários. Nesse sentido, como professor de Música, elaborei um caminho de estudos sobre a música indígena. Foi a partir desse percurso inicial que pude

presenciar vivências das quais eu acredito como professor de Música, porque até então, em minhas experiências como professor de escola, falar de música indígena era sempre algo superficial e não um estudo reflexivo e aprofundado como foi organizado em pouco tempo na Instituição. As experimentações da música indígena começaram a trazer as potencialidades musicais de cada jovem, e algumas composições iniciais foram articulando nosso repertório dos povos originários, com a elaboração de um arranjo a partir das suas referências.

Para esse primeiro projeto, iniciei um trabalho de pesquisa tendo como base o livro “Cantos da Floresta – Iniciação ao universo musical indígena”, das pesquisadoras Magda Pucci e Berenice de Almeida (2017). Nesse livro as autoras abordam a diversidade dos povos indígenas brasileiros, trazendo de forma didática informações valiosíssimas sobre suas culturas, religiosidade, formas de ver o mundo e se expressar. Dessa maneira, esse trabalho foi a base para iniciar esse projeto interdisciplinar com os estudantes.

Ter que pesquisar e estudar sobre a música indígena tirou-me da zona de conforto do estudo da música ocidental da qual já estava familiarizado, fazendo com que, aos poucos, fosse aprendendo enquanto ensinava. Paulo Freire coloca que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando” (FREIRE, 1996, p. 29). Enquanto ensino continuo refletindo e me transformando. Foi essa sensação que tive ao longo desse percurso, pois, a cada aula, precisei pesquisar e dominar um assunto que até então havia tido poucas vivências, além de um processo constante de reflexão de como essa temática seria relevante para a vida dos estudantes.

Ao iniciarmos o trabalho, elenquei cinco comunidades indígenas para conhecermos, refletirmos, debatermos e experimentarmos suas músicas ao longo do semestre. Tentei sempre associar a parte teórica à práxis, pois acredito que música é experiência, vivida e sentida no corpo, e para isso é necessário que se toque, sinta, que se faça música. Assim, propus algumas atividades relacionadas ao fazer musical, tais como cantar, explorar sonoridades, instrumentos e experimentar criações.

Dentro dessas vivências, em uma das aulas trabalhamos uma música chamada “*API' AYÁ TXUXITXUXI*” dos povos Yudjá². Essa atividade aconteceu em

² Os Yudjá são povos que vivem no parque Xingu – MS e no Pará. Para mais informações, ver:

cinco etapas, a primeira foi teórica, na qual exploramos sobre os Yudjá, suas práticas cotidianas, cultura, religiosidade e música. Na segunda, ouvimos áudios originais deles tocando instrumentos próprios da comunidade e cantando. Na terceira, conhecemos a música de Caetano Veloso “Asa”, gravada no álbum “Joia”, em 1975, e a música de Marlui Miranda, cantora e pesquisadora da música indígena brasileira. Sobre a música de Caetano, tive como propósito mostrar para os estudantes a influência da música indígena na MPB, pois essa obra foi composta a partir de uma experiência dele ao ouvir as sonoridades Yudjá na flauta “Áwã Pãri”, e sobre Marlui Miranda, a ideia foi mostrar as possibilidades de criação e arranjos nas canções indígenas. A quarta etapa foi vivenciarmos a música através do canto e percussão corporal, e na quinta e última etapa, provoqueei os estudantes a criarmos um arranjo para a peça, assim como havia mostrado no trabalho de Marlui.

Ao iniciarmos a atividade de criação de arranjo para a música, percebi que logo no início foram surgindo muitas proposta musicais. Estimulados por um dos estudantes, que inicialmente propôs uma base harmônica em seu violão, começamos então a formular ideias. Alguns propuseram colocar instrumentos de percussão, outros, que já tocavam instrumentos e tinham seus instrumentos em casa, como baixo e guitarra, vieram compor o arranjo. Ao longo de três aulas o trabalho foi tomando forma e, por fim, tivemos um produto final, que pode ser apreciado em vídeo através do acesso ao QR Code. Na comunidade escolar o trabalho foi divulgado em uma proposta intitulada “Jornada Literária”, momento em que o projeto interdisciplinar de estudo foi compartilhado com as famílias.

<https://www.cantosdafloresta.com.br/povos/yudja>. Acesso em: 28 jun. 2022.



Figura 4. Quadro contendo o QR Code para acesso ao vídeo.

2.1 Da música presente no cotidiano para a composição: estreitando laços com os estudantes

Através dessa primeira experiência e em conversas com a Coordenação Pedagógica, a qual diversas vezes ressaltou que era possível construir um currículo de Música a partir das trajetórias e demandas dos jovens, elaborei uma proposta que contemplasse as músicas que os estudantes estavam ouvindo. Assim, em conversa com os jovens, perguntei se teriam interesse em me apresentar seus gostos musicais. Penso que esse tipo de abordagem pedagógica é importante para o professor que realmente está preocupado com um estudo de Música que dialogue com os jovens e suas múltiplas formas de expressão, pois como coloca Souza (2004, p. 9):

[...] conhecer o aluno como ser sociocultural, mapear os cenários exteriores da música com os quais os alunos vivenciam seu tempo, seu espaço e seu “mundo”, pensar sobre seus olhares em relação à música no espaço escolar, são proposições para se pensar essa disciplina e ampliar as reflexões sobre as dimensões do currículo, conteúdo-forma e o ensino-aprendizagem oferecidos aos alunos.

A partir dessas conversas com os estudantes, percebi que muitos deles gostavam de funk e música pop. Silva (2009, p. 40) coloca que “Os adolescentes

dedicam grande parte do seu tempo à música e se envolvem predominantemente com aquelas que circulam nos meios de comunicação”. Então, para iniciarmos, problematizei para uma das aulas um tema que estava sendo bastante falado pela grande mídia, que era sobre a música “mais ouvida no mundo”. No dia 11 de novembro de 2021, a cantora Anitta lançou uma música chamada “Envolver”. Essa música acabou ganhando este ano (2022), no dia 25 de março, o título de mais ouvida pela plataforma de *streaming* Spotify³, e isso acabou gerando bastante polêmica. Com isso, pensei que iniciar a aula abordando esse assunto poderia ser o começo de um trabalho reflexivo sobre as variadas formas do fazer musical.

Recordo-me que, ao iniciar a aula com essa temática, os estudantes logo demonstraram interesse e, na sequência, ao iniciarmos a audição da música “Envolver”, eles ficaram bastante agitados e empolgados. Em seguida, começaram os debates iniciais sobre a música, alguns levantaram a questão de que a música havia sido manipulada para entrar no topo das paradas e que isso não era legítimo. Porém, tentei trazer a reflexão relacionada ao estilo musical que a Anitta representava e ao fato de ser uma mulher que está tendo cada vez mais sucesso e como muitas vezes, pelas questões relacionadas ao preconceito, qualquer movimento desse tipo acabava sofrendo boicotes e gerando dúvidas quando a sua legitimidade, e que ali era o espaço para sem julgamentos conseguirmos refletir sobre o que estava acontecendo. Já alguns estudantes disseram achar o ritmo muito bom e outros falaram sobre a exploração do corpo feminino na música.

O debate foi bem construtivo e, em um determinado momento, comentei sobre a composição, colocando que para compor aquela música a Anitta teve a parceria de mais quatro compositores. Nesse momento, um estudante questionou e disse que a música não parecia ser tão complexa assim para ter esse número de compositores. Argumentei explicando que não é tão simples assim compor e que exige um conhecimento sobre o assunto. Vi que aquela conversa sobre a composição acabou gerando curiosidade e resolvi utilizar o que conversamos como “gancho” para a próxima aula, pois pensei, “e que tal se os estudantes tivessem a experiência de compor algo?”. A partir desse questionamento, propus então uma atividade de composição e, para isso, trouxe o trabalho do Professor Luiz Tatit

³ Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/anitta-envolver-e-a-musica-mais-escutada-mundialmente-no-spotify.083e57b5907c81433fa06a4e16ba32af3zuql485.html>. Acesso em: 30 jun. 2022.

(2016), da USP - intitulado “A arte de compor canções”, em que o autor recorre a depoimentos de compositores de variados segmentos musicais revelando suas estratégias e formas criativas e particulares de compor, para nortear a proposta.

Na aula seguinte, norteado pelo trabalho do Professor Luiz Tatit (2016), dei início a um trabalho reflexivo em torno desse tema. Perguntei para os estudantes se eles já tinham tido alguma experiência de compor e, para minha surpresa, a maioria respondeu positivamente. Como a Escola investe na educação musical dos estudantes desde a Educação Infantil e a maioria deles já estudava na Escola faz muitos anos, já tinham uma prática musical nesse sentido, o que de certa forma facilitou o trabalho. Sendo assim, ao explicar a pesquisa do Professor Luiz Tatit (2016) e trazer exemplos, os estudantes puderam perceber que existem diversas formas de compor. O trabalho mostra que na grande maioria das vezes os compositores iniciam suas criações através da melodia e normalmente se apegam a alguma temática para criar suas letras.

Dando sequência à atividade, propus que listássemos temáticas relacionadas ao cotidiano deles e da Escola e que, a partir disso, formaríamos grupos e escolheríamos os temas para trabalhar a criação de uma canção. Os temas foram diversos, como se pode observar na imagem:

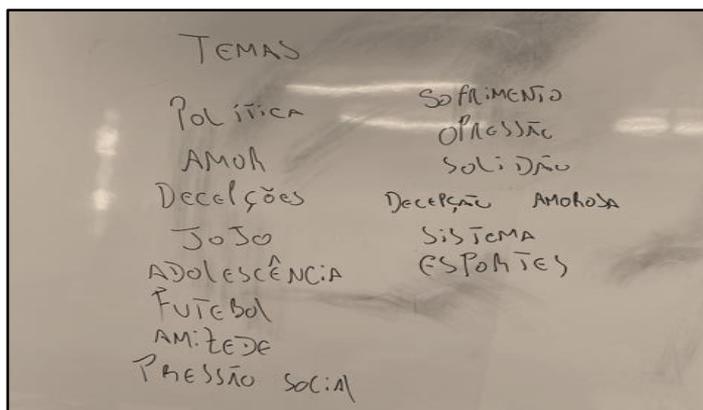


Figura 5. Quadro contendo as temáticas escolhidas pelos estudantes. Fotografia do autor.

Após a escolha das temáticas, tivemos também um debate sobre os temas colocados, pois muitos estudantes apontaram que havia uma tensão relacionada aos assuntos propostos e que, de certa forma, isso refletia o que estavam vivendo

em suas vidas dentro e fora da Escola. Percebi que nesse momento da aula alcançamos um nível mais profundo em relação ao conteúdo proposto, porque além de estarmos pensando na parte musical, conseguimos extrair uma discussão positiva sobre suas vivências, dando voz aos estudantes para exporem, através da música, o que estavam sentindo, pois como questiona Freire (1996, p. 30):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Particularmente, como professor, tenho em minhas práticas pedagógicas ao longo dos anos trabalhado associando a Música a temas que estejam ligados à vida cotidiana dos estudantes e, com isso, o debate sempre se faz necessário, ou seja, a Música pode ser aqui uma forte ferramenta de discussão que vai, em minha opinião, para além do fazer musical. Por isso, corroborando com os questionamentos de Freire (1996), a realidade que os estudantes trazem precisa ser debatida em aula, o conteúdo proposto tem que estar associado à realidade, mas para isso, é preciso estabelecer uma proximidade, um vínculo com os estudantes.

Dando sequência à atividade, os estudantes foram provocados a formarem grupos e iniciar o trabalho de composição a partir das temáticas sugeridas. Nesse momento, expliquei que o processo de criação poderia ser particular de cada grupo, mas que havíamos visto nos trabalhos apresentados por Tatit (2016) que normalmente as composições iniciavam através da criação de uma melodia. Dessa forma, a ideia era que começassem pela melodia e em seguida criassem uma letra que encaixasse. Vi que o desafio, no início, não foi fácil para eles, porém notei que logo em seguida começaram a se desafiar. Percebi que os alunos que já tocavam instrumentos harmônicos, como, por exemplo, violão e teclado, começaram a propor ideias e logo melodias e letras foram surgindo.

Nas aulas que se sucederam, foi possível notar um amadurecimento em relação à primeira, pois aqueles que ainda não tinham algo, ou tinham apenas esboços, conseguiram produzir algumas estrofes, e aqueles que já haviam produzido acabaram por finalizar seus trabalhos. Saíram letras de todos os tipos, desde as mais humoradas às mais politizadas. Sobre os processos composicionais,

observei que houveram variadas formas de compor, alguns relataram ter iniciado com a letra, outros com a melodia e outros pela parte rítmica utilizando os instrumentos de percussão disponíveis na sala. As possibilidades foram exploradas, e era esse o objetivo, pois não queria que a criatividade deles ficasse restrita a apenas uma forma.

Essa atividade levou duas aulas para ser concluída, e ao longo do processo observei que os estudantes começaram a cooperar e se organizar como grupo; além disso, notei que entre as ideias que iam surgindo, havia debates sobre a temática escolhida e o propósito da composição. Procurei não intervir nas letras, já que queria que eles realmente refletissem sobre o que estavam criando.

Para finalizar a atividade, os estudantes apresentaram em aula suas músicas uns para os outros em formato de sarau aberto para debates. Abaixo, seguem alguns exemplos de letras que foram compostas:

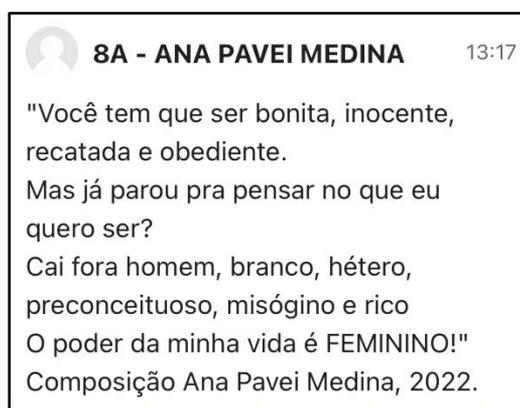


Figura 6. Quadro contendo uma das letras compostas em aula pela estudante Ana Medina. Arquivos do autor.

Guerra
O Mundo Feliz

Dizem que somos uma humanidade
Que todos são iguais e felizes
Não precisamos se preocupar
Pois vivemos nessa mentira

Que vida boa aqui
Nesse mundo feliz

Onde não a tristeza
Nessa mentira

Enquanto na África têm secas 5
Há Mísseis americanos voando
explodindo casas de pessoas
Matando milhares de inocentes

Figura 7. Quadro contendo uma das letras compostas em aula pelo estudante Guilherme Loss. Arquivos do autor.

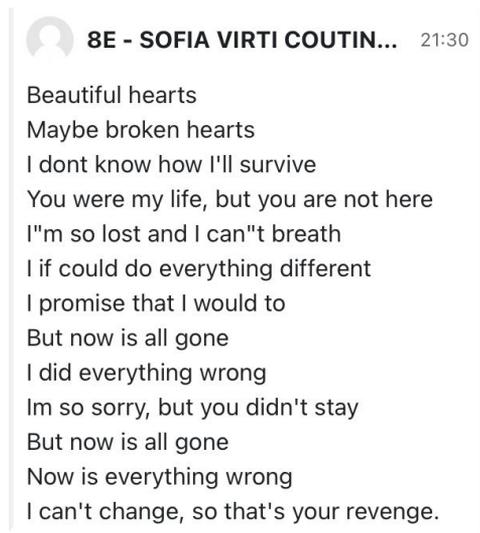


Figura 8. Quadro contendo uma das letras compostas em aula pela estudante Sofia Virti Coutinho. Arquivos do autor.

3. Apontamentos finais ou novos começos

Ao concluir este relato, observa-se o potencial que a Música apresenta como uma linguagem de expressão das pessoas. Foi por meio dela que os jovens do 8º ano compreenderam mais sobre os povos originários, seu modo de vida, suas crenças e posicionamentos, mas foi por meio dela também que foi possível conhecer mais sobre os estudantes.

A experiência, segundo Larrosa (2002), é a possibilidade de que algo nos toque, nos aconteça. Ela requer parar, pensar, ouvir, escutar, fazer tudo isso mais devagar, demorar-se, cultivar, abrir, falar, aprender, calar... Dar-se tempo e espaço.

Nessa perspectiva, as aulas de Música foram tempos e espaços de experiência. É o saber que surge a partir da experiência que nos permite apropriar-nos de nossa vida. A experiência é singular, produz diferença e pluralidade.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça... Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002, p. 21).

Acredito que as escolas precisam ter um currículo que tenha tempo e espaço para a experiência, para pensar o sentido do vivido. A palavra aprendizagem nesse contexto é parte da experiência que atravessa o sujeito. Um currículo que contempla a experiência e as histórias de cada um possibilita o pensamento complexo, o pensamento que sobretudo dá sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Referências

ASSIS, Marcelo de. Anitta: "Envolver" é a música mais escutada mundialmente no Spotify. Terra, 25 mar. 2022. Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/musica/anitta-envolver-e-a-musica-mais-escutada-mundialmente-no-spotify_083e57b5907c81433fa06a4e16ba32af3zuql485.html. Acesso em: 30 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s_ite.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

COLÉGIO João XXIII. A história do João XXIII. 2022. Disponível em:

<https://joaoxxiii.com/historia/> Acesso em: 26 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./abr. 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 30 jun. 2022.

PUCCI, Magna; BERENICE, Almeida. Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena. Ilustrado por Joana Resek. São Paulo: Peirópolis, 2017.

SILVA, Helena. Música, Juventude e mídia: o que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem. In: SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/356/285>. Acesso em: 30 jun. 2022.

TATIT, Luiz. A arte de compor canções. Revista USP, São Paulo, n. 111, p. 11-20, out./dez. 2016.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/127594/124646>. Acesso em: 30 jun. 2022.

Recebido em 30/06/2023 - Aprovado em 15/11/2023

Como Citar

COSTA SOARES, I.; ELY GODOI VIEIRA, I. Dos sons dos povos originários ao repertório musical dos jovens: uma experiência musical na Educação Básica. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 20, n. 1, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v20n1a2024-66190. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/66190>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.